



Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude – CECE



Conselheiro
Marcelo



Jonas
Reis



Hamilton
Sossmeier



Mari
Pimentel



Prof. Alex
Fraga



019ª CECE 11JUN2024

Pauta: Impactos da enchente para a classe artística e cultural da cidade.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): (14h12min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Juventude – CECE. Boa tarde. Peço desculpas pelo atraso, estou chegando aqui na Câmara. Como todos sabem, eu faço parte aqui de uma região que foi atingida, mas, até para nós podermos iniciar a nossa reunião que foi proposta pelo colega Ver. Jonas Reis... Acredito que o vereador também está se deslocando, Ver. Jonas?

VEREADOR JONAS REIS (PT): Isso. Vamos começando.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Então, boa tarde a todos, já temos quórum, temos a presença dos vereadores Jonas Reis, Hamilton Sossmeier e Prof. Alex Fraga; aos demais convidados também agradecemos a presença de todos. Então, como de praxe, passo os trabalhos ao colega Ver. Jonas Reis proponente da pauta desta tarde, que é, na realidade, uma pauta de todos, mas o nosso colega, Ver. Jonas Reis, é o proponente, então passo a condução dos trabalhos para Vossa Excelência.



VEREADOR JONAS REIS (PT): Muito obrigado, presidente, a minha solidariedade também, porque foi atingido pela enchente a tua casa; o meu prédio no bairro Menino Deus felizmente só pegou o térreo, atingiu uma quantidade de moradores, mas não atingiu todos como no bairro Humaitá. Então deixo aqui minha solidariedade registrada nas notas taquigráficas ao presidente e a toda a comunidade.

Eu quero começar aqui agradecendo a todos os colegas desta comissão, a todas as pessoas presentes, a Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa aqui, vejo vários membros, servidores públicos, vejo aqui também o ex-vereador Adroaldo Bauer Corrêa; a Sra. Liliana Cardoso, que é secretária adjunta da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa; a Sra. Rozane Dal Sasso, presidente do Conselho Municipal de Cultura; o Sr. Marcelo Pereira; os vereadores, colegas, a Sra. Consuelo Vallandro aqui também; enfim, várias pessoas e os técnicos também da Casa, da Câmara de Vereadores, que permitem que a gente possa realizar esta reunião.

SRA. LILIANA CARDOSO: Vereador, só um aparte, eu sou secretária adjunta da Cultura e o secretário titular, Eduardo Paim, está na reunião.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Perfeitamente, é que a gente já se conhece há mais tempo, então tem mais familiaridade. Eu não conhecia o secretário novo, bem-vindo também. Então, quero dizer aqui que, infelizmente, como sempre acontece nas tragédias, o setor cultural é o primeiro a ser atingido e é o último a conseguir se restabelecer. A gente precisa muito do poder público, precisamos muito que as autoridades também olhem para aqueles que foram os primeiros que tiveram shows, espetáculos, contratos cancelados. Enfim, são vários profissionais que fazem cultura na nossa cidade, no Rio Grande do Sul como um todo, mas aqui especificamente o nosso problema é a nossa capital. E o 4º Distrito, gente, tinha muitos espaços que faziam cultura que estão paralisados até hoje. Então, a gente precisa pensar sobre isso, também uma parte da Cidade Baixa; alguns espaços; o Menino Deus e o próprio Centro



Histórico, para não dizer aqui um caso emblemático, a nossa Casa de Cultura, a água chegou até ali na Casa de Cultura Mário Quintana; os nossos museus. Enfim, então nós precisamos pensar aqui como coletivo da Câmara de Vereadores, junto com o governo municipal, a Prefeitura de Porto Alegre, o que nós devemos fazer para abraçar aqueles que até agora estão de certa forma desamparados. A gente sabe que os auxílios têm a ver com as residências, mas nós precisamos pensar nos mais variados setores da economia, e o setor cultural é um setor que gera muitos dividendos à sociedade. Mas sociedade sem cultura não pode ser entendida como uma sociedade. Então, a gente precisa mais uma vez agora valorizar aqueles que valorizam a construção coletiva e que nela habitam e constroem os nossos bens culturais. Nesse sentido, eu queria lançar aqui uma questão à Prefeitura de Porto Alegre se há perspectiva de um auxílio emergencial específico para o setor cultural, ou seja, trabalhadores que foram afetados pela enchente no sentido de que seu trabalho foi bloqueado, não conseguem fazer, não conseguem desempenhar. Essa é uma pergunta. A outra é como está organizada a Secretaria da Cultura para mitigar esses espaços fechados? Qual é a perspectiva de reabertura? Como vai se dar, por exemplo, ali o nosso Teatro Renascença e todos os seus espaços adjacentes e outros museus que foram afetados? Qual é a ideia que vocês têm? Vocês já têm um raio-x, já têm um panorama? Seria importante, acho que, inicialmente, a Secretaria de Cultura nos trazer inclusive dados aqui para a gente registrar na Câmara de Vereadores e como coletivo, que representa a diversidade da população de Porto Alegre, poder sugerir encaminhamentos e proposições e também ao próprio Conselho Municipal de Cultura, que reúne também a diversidade das representações artísticas dos fazedores de cultura desta cidade. Então, inicialmente, vamos abrir a palavra para a Secretaria de Cultura e para o Conselho Municipal de Cultura, podendo todos os participantes se inscreverem aqui para fazer uso da palavra. nesta reunião importante que a gente precisa neste momento, não só de diagnóstico, mas também de ações em cima dos diagnósticos.



VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Vereador Jonas, eu gostaria de agregar uma pergunta, já que a Secretaria Municipal de Cultura vai fazer uso da palavra. Nós temos em tramitação, na Câmara de Vereadores, o direcionamento de alguns fundos para gestão, digamos assim, mais livre do Executivo. Terminou a discussão desse projeto ontem e ele será votado na quarta-feira. Um dos fundos que vai ter drenados os seus recursos é exatamente o Funcultura. Eu gostaria de saber se existe movimentação por parte do prefeito Sebastião Melo e da Secretaria Municipal de Cultura de que esses recursos serão utilizados justamente para a classe artística. É só esse questionamento que eu gostaria de deixar no início da nossa reunião. Obrigado, Ver. Jonas.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Claro, se algum outro vereador tiver questões, são importantes, se não a gente passa para a Secretaria de Cultura.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Boa tarde a todos vereadores aqui presentes, à nossa presidente do Conselho Municipal de Cultura, vejo aqui a Rozane. Bem, eu vou tentar, na medida do possível, responder todas as perguntas aqui. Aquilo que não for contemplado eu deixo aberto aqui para que vocês retomem, e aí a gente vai desenvolvendo a nossa conversa aqui. Bom, é importante dizer que a secretaria da Cultura, assim como todo o governo, desde o princípio, ficou fortemente envolvida com a situação da calamidade. Num primeiro momento, a gente fez a preservação, o resgate de vidas, então, o nosso trabalho também enquanto secretaria da Cultura, muitos dos nossos, inclusive eu, envolvidos nesse trabalho de resgate num primeiro momento. Eu estive lá já no dia 2, fazendo resgate de pessoas na Ilha da Pintada. No dia 3, nós abrimos para receber as pessoas, abrimos um abrigo no Centro Vida na Zona Norte de Porto Alegre, onde a secretaria, junto com o governo do Estado, ali representado pela secretaria do Trabalho, ficou responsável por esse espaço, onde nós, num primeiro momento, tínhamos cerca de mil pessoas atendidas. Isso com mais de 200 crianças nesse abrigo, e nós desenvolvemos todo um trabalho para a captação de recursos materiais e financeiros, isso eu digo por



parte da secretaria da Cultura e de todo o governo, para fazer o atendimento nesses abrigos dessas pessoas. A gente podendo proporcionar um abrigo, um local seco e abrigado para que as pessoas pudessem dormir, enfim, cobertores, roupas, porque muitos saíram só com as roupas do corpo, foi bem triste, e também alimentação. Uma vez acomodada essa situação, a gente também começou a humanizar esses abrigos com apresentações culturais, com participação de artistas, muitos voluntários, com recreação das crianças. Hoje, este Centro Vida ainda está em funcionamento, ainda abriga pessoas – a Liliana só me corrija, se eu estiver errado, mas são cerca de 250 pessoas hoje lá, uma diminuição bastante considerável, mas ainda é um espaço...

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Quatrocentos.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Quatrocentos? Então tem bastante gente ainda lá. Foi lá, num período de necessidade, centro de distribuição não só para os abrigados, mas para toda a comunidade ali do entorno. Bom, então, eu dividi numa primeira fase que era atenção à vida; a outra, a manutenção e abrigo dessas pessoas; depois, claro, a gente retorna. A Liliana fica lá atendendo, porque é um setor bem delicado, lidar com as pessoas é delicado, dar atendimento, uma atenção, as pessoas numa situação de vulnerabilidade muito grande. Então, ela fica dando uma atenção, junto com o pessoal do Estado lá, e eu retorno aqui para a Secretaria da Cultura. Uma das primeiras medidas que eu tomei aqui como preocupação, eu acho é bem o que Ver. Jonas fala, num segundo momento, que é sobre os espaços fechados. Nós tivemos atingidos ali o Paço Municipal, teve todo o porão atingido, foi retirado tudo lá debaixo, todas as obras de arte, tinha uma exposição ativa lá funcionando, foram retiradas todas as fotografias dos artistas, foram levantados todos os quadros, que a gente tem um acervo bem interessante no Paço Municipal, mas foi atingido. Nós tivemos também o museu, o Museu Joaquim Felizardo, que foi todo o seu porão atingido, foram resgatados alguns materiais e ficaram lá aqueles que são, digamos assim, de possível recuperação, que são acervos arqueológicos e que agora vão receber um tratamento e vão ser é



remanejados para outro espaço, que provavelmente será a Unisinos ou a PUC, que a gente está em negociação. Tivemos também bastante, e que é uma grande preocupação nossa, atingido o Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues, que abriga lá o Teatro Renascença, que esse foi muito atingido, eu acho que foi um dos nossos equipamentos, talvez, mais afetado. Então, hoje sem condições alguma de utilização, pelo menos num período imediato. Nós tivemos lá o Ateliê Livre também que foi severamente atingido, e nós estamos remanejando alguns cursos para que continue operando e que a gente não deixe de atender, já que são 500 alunos matriculados nos cursos. E também a biblioteca, a biblioteca em menor grau foi atingida, enfim, todo o material foi levantado e os danos não foram muito. Bom, baseado nessa informação, nós criamos aqui um comitê gerido pelos representantes dos equipamentos da cultura, para tratar de forma unificada esses equipamentos. É uma forma de a gente racionalizar prestação de serviço, como limpeza, sucção da água e da lama, fazer todo o trabalho de reengenharia elétrica, já que muito das partes elétricas ficaram inundadas nos três equipamentos, então tem toda uma revisão de engenharia, e a gente criou então esse comitê para cuidar desses equipamentos. Principalmente eu digo para vocês que a preocupação que nós temos, Ver. Jonas, é com o Centro Municipal de Cultura, porque ali é um espaço que gera renda para os grupos, é um espaço que gera renda para os artistas, então, a gente tem uma preocupação enorme de reativar o Centro Municipal de Cultura. Já fizemos alguns laudos, em termos de valores também, daquilo que foi afetado, que é um formulário que a gente inclusive está encaminhando para o governo do Estado – vê se está aí esse relatório. Então, essa é a preocupação dos espaços fechados, e a gente, a partir dessa equipe que está focada em pensar na recuperação, fazer isso da forma mais rápida possível. É óbvio que lá no Teatro Renascença, nós provavelmente vamos ter que contar com algum auxílio até da iniciativa privada para retomar aquele prédio, porque foi extremamente danificado. A Casa da Música, estávamos lembrando aqui, a Casa da Música foi um pouco afetada, teve materiais ali de música que foram atingidos, embora a Casa da Música fique na Rua da República. O Teatro Túlio Piva, que é uma concessão, está é sendo



recuperado, porque pegou água na plateia, entre a primeira e a segunda fileira de cadeiras, que já está para ser entregue, e é para onde a gente vai inclusive remanejar todas as aquelas apresentações, aqueles agendamentos que estavam previstos lá no Renascença, a gente vai, de alguma forma aí, dentro do possível, acomodar no Teatro de Câmara Túlio Piva. Então, nós temos feito todo esse trabalho, temos conversado com todos os setores de eventos também, os setores têm eventos do calendário. Vou dar um exemplo para vocês: o Porto Alegre em Cena foi um dos primeiros que a gente conversou. Ficou decidido que não vai ter aporte de recurso público para a sua realização, e que o Porto Alegre em Cena vai acontecer somente com os recursos de captação da iniciativa privada e vai atender, este ano, por conta dessa calamidade, exclusivamente grupos e artistas gaúchos. Vai ser um evento totalmente transformado para essa realidade. Temos falado também com os acampados, as entidades dos acampados, com a empresa GAM3 Parks, que detém a concessão do parque, para a gente pensar, porque, ao mesmo tempo que a gente pensa que nós não estamos no período de festa, a gente tem que lembrar também que é importante a retomada da economia. Então, de todas as formas, nós estamos pensando em maneiras, modelos que não desrespeitem a situação atual, mas que motivem as pessoas a trabalhar e deem possibilidades para a classe artística, para os trabalhadores da cultura também, aos poucos, retornar ao seu trabalho, porque a gente sabe o quanto eles são impactados. Como o Ver. Jonas falou, isso virou um jargão já, que a cultura é a primeira a parar e a última a retomar. Isso foi na pandemia, isso está acontecendo agora também. É o primeiro setor a sofrer.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Secretário, qual o custo da recuperação? Vocês já têm uma base do centro cultural e das demais perdas que tiveram?

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Eu tenho aqui: na Casa da Música, em torno de R\$ 100 mil; no Centro Municipal de Cultura... É que eu tenho aqui um relatório. No Museu do Paço, R\$ 2,7 milhões para recuperar, é um valor bem



alto; na Biblioteca Pública, em torno de R\$ 62 mil; depois, no Atelier Livre, em torno de R\$ 460 mil. Eu estou dando assim, porque a gente teve que entregar isso por partes. No Centro Municipal de Cultura, isso é em torno, contando agora em deixar o Renascença funcionando, é em torno de R\$ 3 milhões. São esses, mais ou menos, os números que a gente tem. Depois tem um somatório, o Lucas vai fazer a soma. Então, presidente Marcelo, esse foi o impacto que nós tivemos dos nossos equipamentos. Claro que a gente está falando, por exemplo: do Paço Municipal foi atingido o ar-condicionado. Para ele voltar a ser museu tem que ter o ar-condicionado funcionando, então, esse valor engloba tudo. Agora, é óbvio que nós vamos, dentro do possível, já ir entregando aquilo que é possível ser utilizado sem gerar nenhum risco aos usuários. Essa é a nossa ideia, ir recuperando e fazendo as entregas. O Paço está, inclusive, em obras, porque ele vai ser transformado no Museu de Arte de Porto Alegre. Então, ele já não tinha o acesso total, ali existia a Secretaria de Cultura. A Secretaria de Cultura vem, retorna para a Casa Torelli, onde nós estamos operando e não voltaremos para lá. Esses são os custos. É bom dizer também, que eu falei em duas coisas antes, no início: eu dividi no atendimento às vidas e depois no abrigo. Nós fizemos e continuamos fazendo uma distribuição de cestas básicas para a classe artística; cestas básicas, colchões e cobertores. Isso é uma parceria que a gente desenvolveu com a Cufa, a Central Única das Favelas. Nós tivemos inscrição de 506 pessoas e conseguimos as 506 cestas. Até o momento, ainda temos um pouco mais de 100 cestas básicas à disposição, que o pessoal que se cadastrou não buscou. Então, a gente cuidou da vida, cuidou do alojamento, do abrigo, e cuidou também da segurança alimentar dessas pessoas. Pois bem, depois foi falado aqui sobre algum auxílio emergencial. Nós temos conversado com o Estado. O Estado parece que conseguiu uma saída diferente daquilo que nós estávamos conversando. Eu acho que é importante isso que a secretária Beatriz... ela pensou no seu papel enquanto no Estado e agilizou formas, via Pix, via Banrisul, enfim, ela teve as suas maneiras de fazer arrecadação. Mas nós vínhamos conversando aqui, inclusive conversando com o Ministério da Cultura, sobre a utilização da PNAB, que é um valor que já está em caixa, do



valor da PNAB para utilização em um edital ou em alguns editais emergenciais. Eu conversei novamente com o secretário executivo do Ministério da Cultura, o Márcio Tavares, e, infelizmente, até agora, eu não recebi nenhuma devolutiva em relação a essa possibilidade de utilização. Além disso, nós temos o Fumproarte, nós temos um valor do Fumproarte, e nós hoje conversamos aqui para que a gente possa criar um edital... Claro, o Fumproarte tem uma outra característica, ele sairia um pouco do emergencial, de modo que ele tem uma prestação de contas, ele tem uma contrapartida dos valores, e está previsto em lei, mas é uma forma de fazer chegar o que a gente pode fazer. Nós temos conversado com a Procuradoria sobre reduzir prazos, e aí é possível, em termos de emergenciais, ao invés de ficar o edital aberto por 45 dias, ficar por 15 dias, 20 dias. É uma possibilidade para a gente fazer correr esses pagamentos, para ajudar a classe artística que se encontra... (Problemas na conexão.) Desculpa. O Fumproarte é uma saída que a gente está estudando e todas essas propostas, enfim, outras ideias que nós estamos criando, e um pouco estava baseado nessa resposta do Ministério da Cultura em relação à PNAB, à utilização desse valor. Nós estamos levando para o centro do governo, que também estava todo deslocado, com foco no atendimento às pessoas, e que agora a gente tem que retomar a cidade, enfim. Hoje o prefeito, inclusive, mandou um áudio a todos falando nessa necessidade de a gente fazer a cidade funcionar. São vários bairros, muitos deles também não foram afetados, então a gente tem que fazer com que a economia gire, que a gente possa gerar trabalho.

Uma preocupação que nós temos, que eu acho que é importante dizer, que a classe artística está cansada, ela sentiu muito isso na época de pandemia, de viver de assistencialismo. Os artistas, os grupos, querem trabalho, e é essa a nossa preocupação nesse sentido.

Também o Ver. Jonas questiona sobre o 4º Distrito. A gente entende que é importante a retomada da economia, muitas casas do setor mesmo, que foram diretamente afetadas, já estão conseguindo retomar de alguma forma. Tem muita influência do desenvolvimento econômico ali, isso é uma divisão de governo, que se faz uma atenção para esses setores, ainda pensado, embora



a gente seja uma Secretaria de Cultura e Economia Criativa, setores que pensam a economia. O 4º Distrito, tem lá o Distrito C que eles chamam, que pensa, que ajuda, então há bastante trabalho, digamos assim, direcionados para esse setor.

O Ver. Alex pergunta sobre os fundos. Essa questão, vereador, nos preocupa também, enquanto cultura, porque a gente já tem um contingenciamento de orçamento, o nosso orçamento já é bem menor em relação aos outros setores, as outras secretarias. Então, a minha conversa também, com o centro de governo, é na manutenção desses valores para que a gente possa utilizar exclusivamente para atendimento dos trabalhadores de cultura. É isso, e eu fico aqui à disposição para responder.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Sim, agora a gente pode passar a palavra para o Conselho Municipal de Cultura.

SRA. ROZANE DAL SASSO: Boa tarde a todas e todos presentes nesta reunião importante trazida pelo Ver. Jonas Reis a esta comissão, aprovada nesta Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Juventude da Câmara de Vereadores, também quero cumprimentar os demais vereadores presentes, o secretário Eduardo Paim, a secretária adjunta, também conselheira do conselho, Liliana Cardoso, todos os colegas que estão aqui, do conselho estadual, do conselho municipal, enfim, da comunidade cultural. Dizer que, enquanto Conselho Municipal de Cultura, trabalhamos essa questão toda numa reunião de conselho, solicitamos, sim, um auxílio emergencial à Secretaria Municipal da Cultura, entendemos que ela poderia ser construída conjuntamente com os três entes federados, Município, Estado e União, mas isso depende evidentemente dos entes federados; solicitamos o pagamento do Fumproarte integralmente. Ontem mesmo a Karina, do Fumproarte, nos comunicou que faltavam ainda algumas pessoas, de um dos editais, cerca de 10 pessoas, por questão de certidão. Nós também solicitamos o pagamento dos pareceristas da Comissão de Avaliação e Seleção – CAS. Isso ainda não aconteceu, mas é superimportante. Por que eu estou dizendo isso? Porque essas questões todas amenizam um pouco o sofrimento dos nossos artistas,



do pessoal que está aguardando, que não tem recursos, porque muitos eventos foram cancelados, porque muitos locais foram atingidos. Há uma pesquisa que a Voz Cultural, do Vitor Ortiz, bem como de outras entidades, da PUC, Matinal, também com a Assembleia Legislativa, a comissão educação, também o conselho que a gente realizou, importante ter esses dados em mãos, dessa pesquisa realizada, porque 81% dos 1.870 entrevistados disseram que a única atividade era a atividade da cultura, ou seja, as pessoas dependem exclusivamente desse recurso da cultura. Então, o Fumproarte está em fins de término dos pagamentos, mas ainda a gente tem, não é secretário Eduardo, os suplentes da Lei Paulo Gustavo, foram pagos dois suplentes do audiovisual, nós precisamos que sejam, certamente o Daniel está encaminhando, mas que sejam pagos os suplentes da Lei Paulo Gustavo, que já é um bom recurso também, porque já são outras pessoas que serão atingidas, ou seja, receberão esses recursos. A gente também solicitou a continuidade da execução, enfim, do encaminhamento das emendas impositivas, porque as emendas impositivas dos vereadores, da Cultura, são superimportantes. E isso, se a gente encaminhar isso, se a secretaria encaminhar essas emendas, vai dar se um fôlego para muitos artistas que trabalham nessas emendas e para muitos locais, muitos centros, enfim, para o pessoal da Cultura envolvido nas comunidades, principalmente, nas periferias todas. Digo isso porque são todas medidas para amenizar o sofrimento, amenizar a situação dos artistas. Também como vai ser, assim que o Túlio Piva – que é o menos afetado, eu diria – estiver ok... Eu sei que parte da programação vai passar do Teatro Renascença para o Túlio Piva, então o que a gente pede nesse sentido? Que os equipamentos de sonorização e de iluminação, todos aqueles, não sejam cobrados dos nossos artistas, porque esses equipamentos são do Opinião, e há esse aluguel ali na concessão, o que a gente lamenta, porque, enfim, os artistas não têm condições de pagar isso. Já comentamos sobre isso, já conversamos com a secretaria de Cultura, que também concordou com isso e ficou de viabilizar essa situação. Também solicitamos que abram novamente o credenciamento das cestas básicas, que abram novamente esse credenciamento, porque tem pessoas que não conseguiram, porque fechou, e



tem outras que, como tu disseste, não foram buscar. Então seria importante abrir mais 500, ou abrir um pouco mais, para ter os suplentes, porque tem pessoas necessitando. Hoje mesmo, por exemplo, na saída da Assembleia Legislativa, onde tivemos uma escuta temática superimportante com artistas e entidades do Estado do Rio Grande do Sul, na Comissão de Educação e Cultura, na saída, uma das pessoas que expõe, que é expositora da Praça da Alfândega – e eles perderam tudo ali, sabe? Os expositores deixam ali o seu material, eles perderam tudo com a enxurrada, eles estão em desespero, precisam, são artesãos, precisam de cesta básica. Então têm algumas questões urgentes que precisam ser encaminhadas. E a questão do auxílio emergencial, de ser colocado a partir do recurso da PNAB, a gente sabe que a PNAB é um projeto, é um programa para ser implementado todos os anos. Então, dentro do setor artístico, a maioria entende que não deva ser usado esse recurso, que tem que ser algo emergencial mesmo. E aí, a gente coloca o seguinte: tem tantos shows, tantas atividades, tantas doações feitas ao Rio Grande do Sul e também para Porto Alegre, e a gente entende que uma parte dessas doações poderia ser para classe artística. Porque, sei que tem uma grande doação, grandes doações dos festivais que é para todo mundo, porque está todo mundo nessa situação, mas uma parte, uma parcela que vá para classe artística emergencialmente eu acho que é fundamental. Por isso que a gente colocou desde o início um fundo emergencial.

E a outra questão também, que a gente gostaria de levantar, é que seja retirada do projeto, e tem uma emenda nesse sentido, tem uma emenda do Ver. Jonas, tem uma emenda acho que do Ver. Oliboni, também, de retirar a questão do Funcultura, essa mexida nos fundos, que o PL 008, do prefeito, quer liberar vários fundos, entre eles o Funcultura, o Funcultura não pode, é um fundo da Secretaria, é um fundo importante para os equipamentos da Secretaria, para administração. A gente quer que ele seja retirado. Então, vejam, são todas essas questões, e ainda há um projeto também do Ver. Adeli sobre o auxílio emergencial, com recursos exatamente desses fundos, que estão sendo buscados, enfim, estão sendo recheados, sendo pagos. Enfim, encaminhados para o governo municipal. Então são tantas questões



emergenciais, importantes e que merecem um olhar bem criterioso e um olhar fraterno com os artistas da nossa cidade. Nós temos, acho que um levantamento de quais são os artistas do nosso município. Acredito que tenha ficado algo da Lei Aldir Blanc, da Lei Paulo Gustavo, porque nós nunca temos esse mapeamento; nós precisamos ter esse mapeamento, nós precisamos ter esse mapeamento. Então são questões que a gente coloca, entendendo a necessidade de que é fundamental que tenha algo urgente para o setor artístico. Obrigada.

Repasso a palavra para a presidência CECE, para quem está coordenando.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Eu vi que o Dr. Felisberto estava inscrito também, acho que foi aberto para os demais presentes poderem fazer os questionamentos, algumas perguntas, enfim. O Dr. Felisberto acho que está aqui ainda, o senhor tem a palavra.

SR. FELISBERTO SEABRA LUISI: Obrigado, Marcelo. Eu queria reiterar as palavras da Rozane, eu também estive lá na assembleia hoje de manhã, e é preocupante que a gente tenha que estabelecer competitividade para acessar os recursos neste momento. Eu tenho certeza de que a gente deve ter um caráter de solidariedade. A classe artística precisa, neste momento, não ter disputa, e muitos colocaram isso, que não se sentem... (Problemas na conexão.) ...para competir com outros que perderam tudo do lar. Então nós temos que ter como avaliar. E eu queria reiterar mais uma coisa que a Rozane falou, que é o cadastro dos artistas, pois a gente tem hoje as ferramentas – se não tiver, me perdoem. Não é admissível. Então é importante que se faça esse levantamento, tem condições de fazer isso, a classe artística conhece os artistas, eu acho que tem que ser um trabalho conjunto, feito com as pessoas, e um olhar sem competitividade, sem competição. É um momento de solidariedade, todos estão passando por dificuldades. Esse fim de semana eu estive no Humaitá, lá na tua zona, Marcelo, e é estarrecedor o que a gente vê naquelas comunidades que perderam tudo, também na Farrapos, é um cenário horrível, para dizer o mínimo. Eu não gosto de cenário de guerra, porque eu



prefiro a paz, mas é um cenário muito sério, e é preocupante como essas pessoas vão se recuperar e como vai ser elevada a autoestima dessas pessoas, como é que as pessoas vão se olhar. Então é um momento que me preocupa também a saúde mental das pessoas. Eu acho que é um olhar que a gente deve ter, certo, de se preocupar com a saúde, de como as pessoas vão enfrentar esse momento. É um momento de muita solidariedade. Eu tenho recebido, porque eu sou um conselheiro do CMDUA, mas tenho recebido muitos pedidos, e eu digo que eu vou fazer o que é possível; o impossível não dá para fazer. Mas é isso. E a minha pergunta para o secretário Eduardo... Boa tarde, Eduardo, tudo bem? A minha pergunta é basicamente essa: como que nós vamos tratar as demandas do Orçamento Participativo na área da cultura? Nós temos vários eventos na região do Centro, pena que a Marivânia não está aqui, mas me parece que ela tem uma reunião com a secretaria, hoje; então também isso estimula, e são artistas, são eventos da diversidade, por exemplo, a feira junina. Então são eventos que agregam a comunidade e pode ajudar na elevação da autoestima. Obrigado, não quero me alongar mais. Parabéns pela reunião. Um abraço.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, Dr. Felisberto. Eu quero dizer, me somar, agradeço pelas palavras voltadas ali para a minha comunidade. Realmente, para quem está desde o início ali, 24 horas, é uma situação muito difícil, porque tu imagina todas as casas da comunidade, todos os apartamentos térreos, todos, nesse momento, perderam, e eu não chamo de lixo, são sonhos que foram jogados fora ali. Então é uma cena praticamente de guerra lá. E, também, agora, eu estive, sábado, infelizmente, enterrando um grande amigo meu, um vizinho que, devido, também... Muitos conhecem a Som Eventos que praticamente tinha um trabalho de anos aí no meio cultural, o Alex Tiara, que era o proprietário, um cara fantástico, e devido... Porque eu sempre digo que na pandemia as pessoas não perderam casas, as pessoas não perderam os bens. Agora eu me lembro que, na época, o Alex Tiara teve que vender um caminhão para poder pagar os funcionários, porque a pandemia trouxe essa situação para todos os artistas, para todo mundo, principalmente



para o setor de eventos, setor cultural, e, na época, eu me lembro que ele teve que vender um caminhão para poder pagar as despesas dos funcionários, enfim, poder se manter. Só que agora não foi pandemia, agora foi a água que levou todo seu patrimônio, os caminhões, a casa, então, infelizmente, ele não aguentou o tirão, por isso que saúde mental é muito importante, infelizmente, ele tirou sua própria vida no sábado. Ali, na sexta-feira para o sábado, já foi no sábado, foi depois da meia-noite. Então, a minha solidariedade a todas as famílias, a todas as pessoas que estão passando por essa situação, que perderam tudo, mas que não percam a esperança, que sigam de pé e com fé, como eu sempre digo, mas é importante a gente olhar para todos neste momento tão difícil que o Estado do Rio Grande do Sul, que Porto Alegre também está passando. É um momento muito difícil que precisamos superar. Então, toda ajuda possível será bem-vinda. Nós temos inscrita a Sra. Consuelo Vallandro. (Pausa.) Eu não estou ouvindo a Sra. Consuelo.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Felisberto, enquanto a Consuelo arruma ali, primeiro, obrigado pelas palavras. O Felisberto é uma figura muito emblemática da cultura, que eu gosto muito, e a minha luta, enquanto secretário, é a gente não deixar escapar nada. O Orçamento Participativo, eu tenho o mesmo entendimento que tu, ele é muito importante. Tu deixares de pagar, por exemplo, eu estou com o Orçamento Participativo aqui de alguns anos que a gente está... estão em execução. Eu já planilhei, já vi qual é o valor que já foi pago, o valor que tem que ser pago, porque já foi feita a prestação de serviço e o que tem para ser pago lá adiante. Fiz uma planilha, fiz o que é mês a mês, por quê? Porque a minha ideia de convencimento é mostrar para o centro do governo – e eu tenho certeza de que eles vão entender – que é uma forma mais prática, inclusive mais rápida de a gente fazer chegar recurso lá na ponta. Eu estou falando de... (Ininteligível.) ...Malvina, eu estou falando lá do Extremo Sul, então são lugares, regiões que necessitam, e os artistas necessitam. Eu tenho um caso, por exemplo, de um professor de capoeira que está nesse programa do Orçamento Participativo, ele tem um filho recém-nascido e perdeu tudo. Então, imagina, nessa situação, a gente interromper, deixar de fazer o



pagamento. Então essa vai ser a minha luta, a minha bandeira lá dentro do centro do governo para a gente. E eu tenho certeza de que eles vão ter a sensibilidade de entender que o Orçamento Participativo para a cultura é uma forma de auxílio, é uma forma de a gente manter as pessoas trabalhando, é uma forma de sanidade mental, pra mim é uma coisa mental, porque eles trabalham dentro das comunidades. Às vezes as pessoas não são atingidas diretamente; eu, por exemplo, não fui atingido diretamente, mas eu trabalhei num abrigo, eu fiz resgate, e, toda vez que eu falo, eu me emociono, porque é muito forte para quem está lá. E eu tenho familiares de Canoas, que perderam tudo, pois lá foi horrível. Perderam inclusive a casa, pois não tem mais condições de entrar dentro de casa. Ainda perderam cama, perderam, enfim, tudo. E além dessa tarefa da questão pública, eu ainda tenho meu compromisso com a minha família. Então chega nos finais de semana, eu me debruço a montar móveis... Entrou uma ligação. Então, trazendo para o lado da cultura, alguém falou alguma coisa em algum momento aqui, eu não sei se não foi o próprio Felisberto que falou da situação que a gente trabalha pela cultura, mas as pessoas comentam que às vezes até tem um certo constrangimento ou, às vezes, um conflito interior, que foi o que eu senti, de qual momento que eu, como secretário, teria esse papel de levantar a bandeira e dizer: nós queremos para os trabalhadores da cultura, enquanto o produtor rural, o comerciante, o lojista... Olha o exemplo do Alex Tiara, ele tirou a própria vida, era um cara que tinha uma produtora que fornecia equipamento de som, de luz. Então, gente, ele não é o artista, mas ele é da cadeia produtiva da cultura, e o cara chegar ao ponto de tirar a própria vida porque provavelmente ele já estava endividado e, com essa situação, ele não tinha mais saída financeira. Então eu fico, às vezes, num conflito, digo para vocês, mas agora sim, estou tocando, estou defendendo, vou atrás. A Rozane fala muito isso, porque a gente vem conversando também, a gente fez reunião com o Conselho, que todo o pagamento, o passivo que a Cultura tem e pagando, isso é uma forma de ajudar. É toda forma e qualquer forma que a secretaria da Cultura, o governo municipal tiver de fazer chegar um valor na mão de um artista, de um trabalhador da cultura. Então esse é o compromisso que eu assumo aqui com



vocês; muitos já me conhecem de muito tempo, a própria Rozane me conhece há bastante tempo, sabe que eu não me comprometo com nada que eu não vá fazer, que eu não vá correr atrás, que eu não vá lutar muito. Queria deixar um abraço para o Álvaro Santi, que eu vi também aqui, para o nosso funcionário muito importante aqui para nós. Consuelo, não sei se tu consegues falar já?

VEREADOR JONAS REIS (PT): Sim, consegue.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Está, então, estou deixando de falar aqui

SRA. CONSUELO VALLANDRO: Dessa vez me escutam? (Pausa.) Bom, primeiro, secretário Paim, boa tarde a todos, obrigada aí, Jonas, eu quero agradecer imensamente a atuação do Jonas, foi incansável durante esse período bem catastrófico que a gente teve aí, de calamidade, em vários aspectos; então quero fazer um agradecimento especial. Gostaria de fazer primeiro uma pergunta, porque veio essa informação, não fui eu que recebi, mas o senhor falou, secretário Paim, que tinha 100 cestas ali na Casa de Cultura Plauto Cruz, e o pessoal foi até lá. E já mandaram um recado dizendo que um funcionário disse que não era para as pessoas ir lá pegar, porque essas cestas tinham uma destinação. Então, é só assim, lembrando que as pessoas estão desesperadas, veja bem. Essa informação chegou, pelo menos, para mim, chegou hoje, um pouquinho antes de eu entrar aqui na reunião. E já tinha gente lá pedindo, porque estão desesperados, e aí houve esse desalinhamento, eu acho. Então só para entender bem, porque um disse que era só para quem tinha se inscrito; o outro parece que disse que era para entidades. E o fato é que a pessoa foi lá e, daqui a pouco, gastou até uma passagem de ônibus à toa numa situação em que isso faz bastante diferença. Então seria bacana, já fica a sugestão, que a Prefeitura crie um alinhamento, a secretaria, se for o caso da Cultura especificamente estar ali com as cestas, de divulgação, de repente, no Instagram e tal, para avisar: “Ó, tem tantas cestas, liguem para o número tal para confirmar”. Alguma coisa assim, porque é isso, as pessoas cada vez mais, e aí eu falo porque estou aqui, sou representante do SATED, que está fazendo essa distribuição de cesta também. A gente



percebe que a cada dia tem um, dois, três, 10 novos inscritos, por quê? Porque, infelizmente, as pessoas da cultura já estavam numa situação de precariedade econômica, em grande maioria, estou falando desses pequenos atuadores, agentes culturais, trabalhadores e trabalhadoras da cultura mais informalizados, a maioria não tem nem um CNPJ, nem uma MEI eles têm. Então, quer dizer, são pessoas que ganham um cachê de forma eventual, fazem o seu trabalho e não têm nenhum tipo de carteira assinada, não têm nenhum tipo de benefício, agora, para acessar, a não ser que tenham sido diretamente atingidas, que daí tem esse benefício do auxílio-reconstrução, mas muitos não têm isso. Às vezes, tiveram seus espaços de trabalho, e aí até o secretário falou muito bem, no 4º Distrito, quantos músicos eram sustentados pelo 4º Distrito, pela Cidade Baixa? E nós tivemos os dois alagados. Eu ressalto que a ajuda pode vir, inclusive, em forma de algum tipo de incentivo para esses lugares, esses espaços que contratavam artistas, os bares, as casas de show noturnas, assim como tem espaços culturais, a gente tem alguns pontos de cultura, tem uma biblioteca comunitária, tem teatro, que era escola de teatro, tem escola de circo em Porto Alegre que foi atingida, e, daqui um pouco, até algum tipo de isenção de imposto já ajuda aquele empresário que gera uma série de empregos a poder dar um respiro. Porque é assim: eu sou do circo, especificamente no circo, a gente teve um levantamento de R\$ 150 mil de prejuízos, porque era uma escola de acrobacia, era só colchão. Então vocês imaginam: colchão, floco de espuma, tudo foi para o lixo, e eles tiveram que comprar muita coisa, se endividar para tentar colocar a escola em funcionamento de novo, fica ali na Zona Norte, também próximo ao 4º Distrito. Assim como aconteceu com o próprio Museu do Trabalho, o teatro do museu, assim como aconteceu com o Teatro Nilton Filho, a gente sabe o DC Navegantes também está comprometido. E daí já puxo a minha segunda pauta, que é justamente essa das salas. Porto Alegre já estava numa crise bizarra de salas de teatro. E aí eu falo porque sou representante do SATED e do Cirque, e acho que 70%, 80% dos nossos grupos não são de rua, são grupos de teatro que trabalham com salas. A gente já tinha isso, o próprio secretário pode acompanhar pelo número de disputa da ocupação das salas que a gente tinha



ali no Centro Municipal de Cultura, onde a demanda era muito maior do que a oferta. E aí o que a gente tem na realidade hoje é um atraso que eu gostaria de entender também, eu sei que ninguém está nem pensando nisso, mas eu sabia, eu lembrava porque a gente estava num processo inclusive de discussão. E eu gostaria de entender qual é o atraso que a gente vai ter e como é que vai ficar a questão da Usina do Gasômetro, que tinha uma sala ali que ia ser aberta, que era o Teatro Elis Regina. A gente tem essa situação do Teatro de Câmara que também tinha ficado muito mal resolvida porque é isso, foi aberto só para os músicos, aí a gente teve uma série de reuniões, foi dito que depois seriam dadas as datas da Prefeitura para as artes cênicas, porém essa questão dos equipamentos nunca foi esclarecida. E agora ainda ficamos sabendo que uma parte do teatro foi atingida também pela enchente; pequena parte, porém foi. Então, a gente quer entender prazos. Quando que esse teatro vai ficar em condições e quando que ele vai ficar em condições com os equipamentos incluídos. Porque se a gente tiver que pagar, como foi dito, em torno de R\$ 2 mil para alugar um equipamento de som e de luz, nenhuma peça teatral que cobre bilheteria vai dar conta de alugar isso aí. Porque a gente sabe que o teatro é pequeno, não tem uma quantidade de cadeiras e o público do teatro também não é tão grande assim, e os valores que a gente tem aí são, em média, de R\$ 20,00 a meia-entrada, R\$ 25,00. Então, realmente fica impossível de o sujeito alugar. Fora que, por exemplo, a Santa Casa tem um teatro maior, aluga por R\$ 2.500,00 todo o teatro, com toda a infraestrutura que eles têm lá, durante a semana. Então, parece-me que um teatro público tem que ser mais acessível, justamente para dar chance aos sujeitos que fazem ainda temporada por bilheteria, estão aí lutando pelo seu trabalho.

SRA. POLACA ROCHA: Consuelo, podes repetir o valor que querem cobrar pelo equipamento no Túlio Piva, por gentileza.

SRA. CONSUELO VALLANDRO: O que me passaram foi que estava... Porque os músicos que fizeram show lá pagaram em torno de R\$ 2 mil, que é som e luz. Porque quem está alugando é o próprio Opinião. Então é isso. Isso teria



que ser bem esclarecido para a gente entender, porque não adianta ter uma sala pública com um valor desses de aluguel, mais o que a gente vai pagar de taxa pela sala, vai ser, sei lá, R\$ 3 mil. Então, não vale a pena.

Por último, também puxando aí a questão das artes cênicas... (Problemas na conexão.)... A pergunta é: temos um Prêmio Açorianos de Circo, que exige quatro apresentações para poder concorrer. Temos um Prêmio Açorianos de Teatro e Teatro Infantil, que exige oito. Como é que as pessoas vão ter sala para oito apresentações? Oito datas diferentes para poder concorrer. Então, já tivemos uma reunião com o Jessé, mas eu ressalto aqui a importância de se repensar numa maneira. Eu sei que é difícil também para os jurados, mas tem que sentar com os jurados e ver datas, enfim, fechar com os grupos, porque o prêmio é muito importante. Ele dá, de alguma forma, e espero que isso seja mantido – inclusive, eu acho que o valor do prêmio está no Funcultura, se não me engano –, porque ele vai dar um dinheirinho para as pessoas. E todo dinheirinho, neste momento, mesmo que seja para o ano que vem, a gente sabe que a crise vai demorar muito tempo para se voltar a algum tipo de normalidade, que não vai ser a mesma que a gente tinha, mas qualquer expectativa de dinheirinho hoje está valendo. Então, fica aí também o questionamento de como se pensar nesse prêmio para que ele aconteça, porque é importante. Porém, com essa dificuldade das salas, como é que pode ser administrado isso para que fique ok para os dois lados, tanto para os jurados quanto para os artistas. É isso, muito obrigada.

Só vou terminar fazendo um comentário geral sobre a Política Nacional Aldir Blanc – PNAB, porque me parece que ela teria que ter uma mudança jurídica na lei para poder ser feito um auxílio emergencial dela, porque ela não foi desenhada para isso. O movimento... (Problemas na conexão.)... Só ressaltando que a PNAB não é nem uma questão de boa vontade, mas de uma dificuldade jurídica de aplicação dela enquanto recurso emergencial. Eu sei que está no caixa, mas não é tão simples assim fazer um auxílio emergencial. O ideal seria mesmo que a gente criasse um fundo, botasse ali as doações, emendas, enfim, juntasse um monte de coisa para poder encaminhar isso de maneira mais desburocratizada. É isso, obrigada.



PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Obrigado, Consuelo. Passamos a palavra ao Sr. Álvaro.

SR. ÁLVARO SANTI: Boa tarde. Meus cumprimentos a todos os presentes. Parabenizo a Comissão pela oportunidade, por esse encontro. Eu estou conselheiro de cultura do Estado agora, até agosto, mas eu vim falar também como ex-funcionário concursado da Secretaria Municipal de Cultura. Meus cumprimentos ao secretário e demais trabalhadores da secretaria, na qual tive orgulho de trabalhar durante 26 anos. Até meio que me sinto um pouco constrangido assim de falar, porque num momento de emergência, todo mundo quer achar soluções e tal. Esclarecendo que eu não tenho intenção de politizar o debate, mas é inevitável falar algumas coisas. Como o secretário mencionou, que é o próprio funcionamento regular da secretaria pagando as coisas, conseguindo – quando consegue pagar e executar o seu orçamento – fazer o seu trabalho regular, ajuda a minorar a crise. Assim como a tragédia não é a enchente, na verdade a tragédia climática é o negacionismo ambiental que ao longo de décadas e séculos chegou nesse ponto. Assim como também a tragédia é a especulação imobiliária capitalista que empurra as pessoas a morarem em lugares onde, em princípio, não seriam adequados, pois são sujeitos a alagamentos. Enfim, e assim também é a negligência que as administrações tiveram em relação ao sistema de proteção de cheias da nossa capital, que nos levaram a esse quadro terrível. Eu quero dizer, como funcionário, que eu estive durante os últimos cinco anos trabalhando no porão, no subsolo, da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, ali no Centro Municipal de Cultura, e durante esses cinco ou seis anos, periodicamente, entrava água. Fica do lado de uma casa de bombas, para quem não sabe, ao lado do arroio Dilúvio, ao lado de uma casa de bombas. Aliás, é um antigo banhado onde ficava a ilha e onde nunca deveria ter se sido feito um prédio com subsolo ali, ficava baixo. Então, toda vez que enchia um pouco o Dilúvio... Ao lado da casa de bombas. Não faço ideia se aquela casa de bombas estava funcionando, que medidas, quantas bombas... Mas sempre entrava água,



então, periodicamente, duas vezes por semestre, entrava uma lâmina de água lá. Era um transtorno, mas, enfim, não causava maiores prejuízos e tal. Eu sou testemunha de que secretários, colegas e administradores tentavam resolver o problema, tentaram várias soluções, mas, basicamente, o que não tem é o orçamento, a secretaria não tem orçamento. A secretaria, hoje, tem um orçamento teto, cerca de um terço, em termos percentuais – os vereadores podem ver depois na LOA – de 20 anos atrás, é cerca de um terço ou um quarto do que se costumava ter. Já foi mais de 2% em alguns momentos, pouco antes, no final do século passado, e hoje deve estar em torno de 0,3%, e o quadro de funcionários é a metade do que era quando eu entrei. Então, nessas condições, fica realmente difícil de responder, de estar funcionando, sem contar a questão da Procuradoria que burocratizou demais o funcionamento. O próprio Fumproarte, que ficou muito tempo durante a pandemia, não estava funcionando, não tinha edital, não tinha nenhum projeto sendo financiado. Teria também minimizado os prejuízos. É um pouco para colocar em perspectiva, no sentido de que o Rio Grande do Sul, com todos os esforços que, tenho certeza, o secretário Eduardo está fazendo e continuará fazendo, sem realmente um recurso compatível com as necessidades de manutenção dos teatros que foram citados aqui, de manutenção regular, e tinha recurso para investimento também. Agora é necessário recurso para investimento, para recuperar. Então não havia nenhum recurso, não há no orçamento nem um recurso regular para manutenção, que é preciso que esteja previsto, mas infelizmente as diretrizes, pelo menos nos últimos governos, tem levado no caminho da redução do Estado, por isso que nós chegamos aqui. Enfim, não venho trazer nenhuma solução, mas só para dar este testemunho e colocar uma perspectiva. Agradeço a atenção, e estamos à disposição no Conselho Estadual de Cultura também.

SRA. ROZANE DAL SASSO: Eu posso fazer uma pergunta, Ver. Jonas? É só uma pergunta para o próprio Álvaro Santi, sobre o Funcultura. Ontem foi discutido o PL nº 008, que vai para votação na quarta-feira então. Sobre o Funcultura, ele era utilizado há mais tempo, apenas para as questões da



Secretaria de Cultura, administrativas, equipamentos, ou também era utilizado para projetos? Queria saber disso e o que o Álvaro pensa a respeito dessa flexibilização dos fundos.

SR. ÁLVARO SANTI: Me permite, então. O Funcultura era o recurso que a secretaria tinha para fazer os seus próprios projetos, as suas políticas, os seus eventos, aqueles que ele produz. O Fumproarte é para aqueles que são propostos pela sociedade, houve até, a meu ver, um certo desvio, no caso do Fumproarte, porque o Fumproarte está sendo usado hoje para o desfile oficial do carnaval de Porto Alegre, o que seria um recurso para ser feito com o Funcultura, só que o Funcultura era gerido totalmente dentro da Secretaria de Cultura, de uma forma muito ágil. Contratavam-se diretamente pessoas, de forma ágil, desburocratizada, semanalmente, 20, 30 artistas, companhias, espetáculos, que faziam toda a programação da Secretaria, programação própria da Secretaria, com esses recursos, e hoje em dia isso está praticamente reduzido ao mínimo.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Agora nós temos mais uma inscrição, que é a inscrição do ex-vereador Adroaldo Bauer Corrêa.

SR. ADROALDO BAUER CORRÊA: Boa tarde, Ver. Jonas Reis; boa tarde pessoas aqui presentes nesta reunião da Comissão de Cultura da Câmara de Vereadores, importante este espaço. Eu sou técnico de comunicação aposentado da Prefeitura de Porto Alegre, sou o presidente do conselho deliberativo da Associação dos Técnicos de Nível Superior do Município de Porto Alegre – Astec, e fui, por algum tempo, de 1993 a 2003, ativo, enquanto cargo em comissão, na Secretaria Municipal de Cultura, e sou testemunha disso que o Álvaro acabou de nos dizer em relação às condições de trabalho no Centro Municipal de Cultura, porque foi por onde eu comecei o meu trabalho. A descentralização da cultura era uma escrivaninha e uma gaveta no porão do Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues; tinha, em 1993, R\$ 24 mil de orçamento para o ano; quando nós saímos, em 2005, havia um



orçamento de R\$ 1,5 milhão para o projeto de descentralização; havia 96 oficinas contratadas no ano de 2004, em todas as regiões da cidade, através das formas de participação do projeto. E haveria, estava programado, pelo planejamento estratégico da coordenação... (Ininteligível.) ...que realizava seus eventos através do Funcultura, R\$ 1,5 milhão, havia 120 oficinas programadas e R\$ 600 mil destinados para shows, espetáculos, além das oficinas. O orçamento provavelmente estaria em 1,4% do orçamento geral da Prefeitura quando, em 93, estava em 0,74%. Eu guardo esses números porque eles fazem parte da história da cidade. Queria dizer que a importância da Secretaria Municipal da Cultura, como uma agência específica para a realização das ações de cultura no Município, é fundamental, está dotada dos recursos humanos, tecno-científicos, pessoal administrativo. E o trabalho permanente de reflexão, junto com a comunidade, organizada e participante, é uma orientação mundial, através da UNESCO, através da ONU, de que haja, no mínimo, uma agência específica, uma secretaria, um departamento em cada cidade, em cada localidade no planeta. Essa situação permite refletir, do ponto de vista histórico, a importância dessa secretaria, criada lá em 1986. Queria corroborar também a fala do Álvaro Santi, de que estas áreas em que nós construímos nossos equipamentos eram a vazão, a expansão, a área de expansão nas cheias do Guaíba, seja lago, seja rio, seja lagoa, seja o que seja, o arroio Dilúvio tinha margens, antes de canalizado, na rua da margem, a Rua João Alfredo, ali onde fica o Museu Joaquim José Felizardo. A Ilhota era uma área de aluvião, do Dilúvio; portanto, um alagadiço permanente. A própria Rua da República, ali onde está o Teatro Túlio Piva, é uma área de alagamento permanente, independente do funcionamento das casas de bomba, porque ela é de cota zero ou abaixo da cota do rio ou do lago. Alguns estão dizendo que é o “Jacuíba”, porque o Jacuí deságua ali 84% das águas que chegam ao Guaíba pelos seus outros tributários. Nessa situação, ter a agência, ter orçamento e ter funcionamento, como bem frisou o Álvaro, é fundamental. Pagar as contas do ano, pagar as contas atrasadas e criar – aí a minha contribuição – um plano específico de emergência. A Secretaria Municipal de Cultura, com o Conselho, com as entidades dos artistas, dos produtores



culturais, deveria ter um plano de emergência construído para um período, não só para este momento da cesta básica, da essência da perda. A essência da perda requer o pronto socorro. Nós temos que comparecer com a ideia de que a fome não tem prazo, ela tem pressa; e a falta de condições de moradia também. Não se pode exigir do produtor, como foi o caso citado, que seja um realizador no momento da perda total. Não se pode exigir que haja um projeto por escrito para alguém que perdeu o escritório, o computador, as instalações, o depósito dos seus materiais. Essa é a qualidade da urgência; a pessoa está mais do que na rua da amargura, está inundada, está sob perda total. Essa é uma parte do plano, a outra é o plano subsistência. Como, no período, nós vamos resgatar, reconstruir? Acho que esse plano tem que chegar às outras agências que têm recursos, que não são os recursos do Orçamento, que, sim, têm que ser desenvolvidos, e botar lá a plaqueta: “Nós, da Cultura, também somos flagelados; nós, da Cultura, também temos direito ao recurso de urgência e emergência de reconstrução”. Mas isso tem que ter um plano. Por exemplo, o Auditório Araújo Vianna poderia ter datas para a realização de programas coletivos de contribuição específica à classe cultural, aos produtores, aos realizadores, independente de que tenham história de construção de projeto; porque não posso fazer projeto, nesse momento, se não tenho escritório, se não tenho o lugar de ensaio, se não tenho a sala de apresentação, como disse a Consuelo. Então esse plano é que está faltando. Acho que esta Comissão pode contribuir com a sugestão de criar um ambiente de crise sim, para planejar as saídas. Há várias propostas aqui já em várias falas, mas elas precisam ser consolidadas. A Secretaria pode abrir o espaço para convocar, presencialmente, a ideia de que cada área tenha o seu projeto de resgate, contribuição e solidariedade, para não só a urgência, que essa nós temos que com friso pendurar, uma Comissão sai daqui e vai ali no governo do estado, vai no governo federal e diz assim: nós queremos inscrever os artistas, os produtores, a classe teatral, o circo, os músicos, os escritores. Quantas livrarias de pé de rua perderam seus estoques? Quantos editores perderam os seus equipamentos, seus originais, inclusive, além do seu acervo? Quantas bibliotecas desapareceram nas escolas? Então, o plano prevê várias etapas, e



esse plano não existe, esse plano é uma necessidade. Então criar um ambiente de planejamento para essa oportunidade que envolva o Conselho Municipal de Cultura, a Comissão, esta que nós estamos falando, nesse momento, a Secretaria; e sem disputa partidária, é político, é estratégico, é tático, mas não é partidário, é socialmente exigido pela comunidade de Porto Alegre, aquela que foi atingida e àqueles que querem se solidarizar. Inscrever o nome do cidadão que faz arte e cultura na urgência, é a primeira das tarefas desse plano. Temos que ir ao governo do estado, aos fundos de reconstrução, aos doadores e dizer assim: nós também somos carentes destas atenções. Obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, Adroaldo. Pergunto se tem mais inscrições, senão eu vou fazer uso da palavra aqui também, me inscrevendo, e pergunto se algum outro vereador quer fazer uso da palavra.

VEREADORA MARI PIMENTEL (REPUBLICANOS): Ver. Jonas, eu me sinto contemplada e até depois a gente debater mais o projeto dos fundos também, incluindo o fundo da cultura que está já em discussão na Câmara de Vereadores. Acho importante a gente ressaltar isso, e deve ser votado amanhã. Mas seria a única ponderação que eu coloco, no resto estou contemplada com as falas e com o depoimento de todos que estão aqui presentes.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Eu, fazendo aqui o uso da palavra, queria deixar registrado que não fiquei satisfeito com a fala do secretário. Eu acho assim que o secretário da Cultura tem que defender a cultura e o orçamento para a cultura. O Fundo da Cultura, como nós vamos desvincular? Não dá. Acho que o secretário da Cultura tem que defender o Fundo da Cultura. A cultura, hoje, não chega a 0,4% do orçamento, é um orçamento vergonhoso para a classe cultural de Porto Alegre, que fomenta a economia. Fomenta! Não existem bares noturnos, por exemplo, sem cultura, não existe vida noturna na capital sem cultura, sem os espaços de cultura, e os espaço de cultura, na



maioria, são públicos. A gente precisa fazer esse movimento. Secretário, por favor, eu quero lhe pedir que o senhor peça uma reunião com o prefeito e peça para ele robustez no orçamento, porque lá na discussão da LDO não tinha! Eu lembro, não era o senhor, o secretário era outro; isso é outra coisa de lamentar, já estamos no terceiro secretário, eu espero que este secretário Eduardo defenda a cultura, o orçamento para a cultura.

Outra coisa: o Fundo do Patrimônio do Mercado, qual é sua posição? São duas perguntas que eu estou lhe fazendo: qual é a sua posição sobre o Fundo da Cultura e o Fundo do Patrimônio do Mercado. Terceira questão: o que o senhor vai fazer, qual é a sua reunião, quando é a sua reunião com o secretário da Secretaria Estadual de Cultura? O que o senhor vai pedir lá de recursos para Porto Alegre? O senhor já pediu uma reunião com o Ministério da Cultura? O senhor já foi buscar o Ministério da Cultura neste período? O senhor já buscou o Ministério da Cultura, viu se tem projetos, se tem perspectivas? Porque nós precisamos de um planejamento da Secretaria Municipal de Cultura; não dá para vir aqui na Comissão de Educação e Cultura e dizer que o orçamento é pequeno, e dizer que não tem orçamento. Tem que ir em busca de orçamento. Ou o orçamento acontece, de fato, como a cultura acontece, sozinho na cidade? Porque hoje é isso, hoje ela acontece muito mais pela resistência dos grupos, as resistências que existem dos indivíduos fazendo a sua arte. Eu fico muito preocupado aqui, secretário, eu queria poder lhe ouvir sobre essas questões e todas as outras que foram preocupações e sugestões. Qual é o encaminhamento? Porque periodicamente muitos agentes do governo Melo vêm até esta comissão e trazem informações, fazem as suas falas, mas não encaminham a produção coletiva desta comissão, ignoram a posição coletiva. Então eu acho que isso é muito preocupante. Neste momento não basta dizer: "Temos que nos unir, vamos nos unir". Estamos unidos, estamos bem unidos. Inclusive já tem a liberação aí de mais de 18 mil pessoas que receberam os R\$ 5,100 mil. Mas eu quero saber como a secretaria de cultura se posiciona aos artistas que não estão conseguindo trabalhar. Qual é a perspectiva, por exemplo, secretário, do calendário de eventos? Qual é o fomento maior? Agora sabe o que que a secretaria deveria fazer? Um fomento maior, um calendário



de mais eventos para fazer catapultar o orçamento até da Prefeitura, porque vai trazer gente de fora. O que vocês estão fazendo para trazer gente de fora do Rio Grande do Sul, inclusive para Porto Alegre, para gerar dividendos aqui, e como vocês vão organizar a cultura para isso? Qual é a proposta de vocês? Eu gostaria de hoje estar ouvindo sobre isto, porque a gente sabe que vai precisar de recurso, R\$ 2,5 milhões, como V. Exa. falou aqui, R\$ 60 mil para outro lugar, enfim, vai ter custos de recuperação de espaço. Mas eu quero saber desse calendário que a gente pode criar, pode fazer. Quando o senhor sentou com o Conselho Municipal de Cultura, por exemplo, para ouvir propostas para superar esse momento e catapultar a cultura de Porto Alegre? Então, assim, eu gostaria muito de poder lhe ouvir. Então vou lhe passar a palavra aqui. E tem vários outros questionamentos, outras proposições, mas eu, de certa forma, estou muito inquieto com isso, sabe, porque nós viemos de um debate de que o orçamento da cultura não cresce neste Município, a gente não chega a 1%, e aí as pessoas dizem: "Ah, nós valorizamos a cultura, valorizamos..." Mas como? Sem dinheiro? Não existe valorizar sem dinheiro, e todo mundo sabe que cada R\$ 1 investido em cultura gera um e meio de riqueza. Eu duvido, duvido, duvido que isso aconteça em outras pastas. Eu duvido. E a cultura poderia ter muito mais valorização. Infelizmente não é o que a gente vê. Então quero passar a palavra aí para o secretário.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Ver. Jonas, eu acho que o senhor teve algum problema no seu áudio aí, porque várias coisas que o senhor me cobra eu falei aqui e o senhor está me cobrando de novo. Inclusive botando palavras na minha boca de coisas que eu não falei. Mas, pois bem, vamos lá, vamos reiterar o que foi falado. Como é que está o teu áudio aí? Está chegando? Está tudo certo? Está falhando? Como é que está, vereador?

VEREADOR JONAS REIS (PT): Olha, secretário, não tem nenhuma falha aqui e eu não aceito deboches. Eu estou fazendo questões, se você não quer responder, você é livre para não responder, agora vocês da secretaria são bem-vindos sempre na Câmara de Vereadores.



SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Eu não estou debochando, todo mundo está na mesma reunião e ouviu, o senhor não ouviu, mas então vamos repetir, não tem problema algum. Já falei, sim, com o conselho. Nós temos conversado com o conselho, a Rozane Dal Sasso é uma pessoa que eu já conheço há muito tempo e que eu tenho um enorme respeito por ela. Eu ouço muito a Rozane, ela, além de estar representando uma entidade representativa de toda classe artística do Município, é uma pessoa pela qual eu tenho um carinho extra. Então, tudo que ela fala para mim tem muito valor e muito peso. Eu não estou lhe vendo, vereador, não sei se o senhor está aí ainda, então tenho, sim, conversado com o Estado. Ontem, eu conversei com a secretária Beatriz; hoje, eu conversei com a secretária Beatriz. E me perguntaste sobre o governo federal, sobre o Ministério da Cultura, eu já tinha falado e vou repetir também: tenho falado com o Márcio Tavares, que é o secretário Executivo do Ministério da Cultura, que inclusive tenho aqui um questionamento para ele, do qual há dois dias ele não me responde, porque ficou de ver, sim, uma alternativa para a Política Nacional Aldir Blanc, para a gente transformar legalmente o edital de emergenciais, já que o Município tem colocado muitos recursos, direcionado muitos recursos para a questão do atendimento das pessoas que ficaram sem nada. Então acho que é isso que a gente tem que ver. Sou um cara que defende a cultura, vereador, desde 2009, inclusive fui do seu partido. Comecei no Partido dos Trabalhadores, que não é nenhuma novidade para ninguém, todo mundo me conhece. Fui secretário em Canoas desde 2009, fui secretário da Educação, fui secretário de Governança também. Então, a minha bandeira sempre foi a cultura, apesar de passar pelos outros dois setores, minha bandeira sempre foi minha cultura. E eu sou caracterizado como cara da cultura e que defende a cultura onde quer que eu esteja. Isso não mudou em nada em mim, a minha essência é sempre essa. Sou um cara humilde e recebo críticas, mas eu gosto de críticas justas. Então aqui o senhor falou sobre os eventos, eu falei sobre os eventos também, já vinha conversando com o Porto Alegre em Cena, estou em conversa com as entidades, os acampados para a gente pensar o modelo do Acampamento Farroupilha. Tenho falado com o



peçoal da Feira do Livro, com a Câmara Rio-Grandense do Livro, como a pessoa do Maximiliano Ledur. Estamos criando uma comissão alusiva aos 70 anos da Feira do Livro de Porto Alegre para a gente incrementar, para trazer mais dividendos para o Município. Tenho conversado com o Rap in Cena, tenho conversado com Expo Favela, que são setores de periferia importantes nesse momento, com a Bienal do Mercosul. Então são todos esses eventos que o senhor fala, sim, tenho conversado. Sobre o orçamento, o senhor é um vereador, eu acho que o senhor tem bem a compreensão de que a LOA é votada um ano antes, e eu assumi agora em 05 de maio, de abril, aliás. Então não tem nenhuma possibilidade de eu estar intervindo numa LOA que já foi aprovada antes de mim e que eu não era o secretário, eu não me sinto responsável por isso. Se o senhor disser que eu acho bacana ou estou contente, satisfeito com o orçamento, eu digo que não. Já trabalhei na cultura, em várias épocas, em épocas que se tinha recursos, que não se tinha. Então essa é minha realidade, vereador. Estou um pouco me apresentando, não gosto de falar de mim mesmo, mas eu acho que se tornou necessário, porque a sua fala, eu acho um pouco ácida e ataca um pouco. Eu acho que não é o intuito aqui. Estou fazendo e falei desde o início, a minha luta é pela cultura. Eu nem falei de orçamento. A minha luta é pela cultura, eu falei aqui que é não deixar sair nada da cultura, é poder pagar tudo que a gente deve, porque é uma forma também de auxílio. Então, quem me conhece, que não é o seu caso, pode ter certeza que eu estou fazendo de tudo, eu tenho estado esgotado inclusive, e não falei nada aqui, em prol da cultura, que é minha bandeira, sempre foi minha bandeira. Eu quero sair daqui, vereador, e tomara que eu tenha mais tempo para isso, com uma marca positiva, que aonde eu passei, as pessoas lembram de mim de forma muito positiva, pela minha passagem, e eu não quero que seja diferente aqui em Porto Alegre. Falei também no início aqui que eu estou procurando o centro do governo municipal aqui, o prefeito, chefe de gabinete, vice-prefeito para falar dessas coisas, para defender. A minha defesa não pode ser outra, a minha defesa não é outra a não ser a cultura. É isso que eu vou fazer, o senhor pode ficar muito tranquilo, o Fumproarte, o Funcultura. O Funcultura, hoje eu estava olhando aqui, são R\$



503 mil aqui, com R\$ 503 mil a gente pode fazer bastante coisa aqui para o pessoal que está necessitado. Então, tem coisas que o senhor sabe como funcionam, e eu vou buscar e eu tenho certeza, eu falei aqui antes, de que o governo vai ter sensibilidade para me ouvir. Agora o senhor dizer de orçamento, mudar o orçamento; bom, o orçamento a gente constrói para o ano que vem para quem vier, para quem substituir, para quem estiver aqui, a gente tem condições de lutar. E é isso que eu posso fazer e posso me comprometer em lutar pelo orçamento para que o ano que vem... Agora, este ano já está formado, o senhor sabe como funciona. E isso que a gente tem pedido suplementações, a gente tem pedido investimento na área da cultura. Então, assim, esse é o meu compromisso, falei também do Orçamento Participativo que eu acho importante a manutenção de projetos que estão acontecendo para a gente não perder isso no campo da cultura. Então o meu compromisso é exatamente esse, são as manutenções daquilo que a gente pode fazer dentro do governo, é lutar pela cultura e sempre foi assim. Eu participei de governos que sempre foi a luta, a cultura dentro de um governo, ela, ainda mais numa situação de calamidade, ela vai ficar de lado e eu não estou dizendo que concordo com isso, eu quero resgatar tudo que for da cultura, aqui, tudo que for direito da cultura. Olha, o Felisberto botou aqui as oficinas de descentralização, isso é importante, oficina de descentralização é autoestima, é levar lá na ponta para quem precisa, são professores que têm possibilidade...

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Secretário... (Inaudível.)

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Oi.

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Secretário, gostaria só de fazer um registro, eu entendi bem a sua colocação sobre a questão do Jonas Reis inclusive no início lá, todos recordam, eu passei os trabalhos para o Ver. Jonas Reis. E, por uma boa parte do tempo, eu conduzi os trabalhos aqui, inclusive, passando a palavra para os inscritos. Então acredito que o Ver. Jonas Reis não estava prestando atenção, enfim, ou deve ter dado algum



problema no áudio, no vídeo dele, alguma coisa, mas eu quero aqui, porque eu não gosto de injustiças e quero agradecer por o senhor ter respondido novamente as questões que inclusive ele fez e o senhor respondeu novamente.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Eu anotei aqui, ó...

PRESIDENTE CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Só para constar nas notas taquigráficas.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Vereador, eu botei as perguntas do Ver. Jonas Reis e fui respondendo uma a uma. Desculpa, não prestou atenção. (Inaudível.) ...lamentável...

VEREADOR JONAS REIS (PT): Presidente Marcelo, só uma informação. O prefeito chamou uma reunião com todos os vereadores alguns dias depois do início da enchente. E, nessa reunião, que está gravada, ele falou que o orçamento do ano passado não existia mais, o orçamento votado. Então V. Exa. não estava nessa reunião, porque estava resolvendo os problemas da enchente, a gente entende, mas eu quero trazer essa informação aqui a público. O prefeito falou que o orçamento do ano passado não valia mais aquela orçamentação para as pastas, para as secretarias. Portanto, essa informação que o secretário da Cultura traz aqui, que o orçamento da cultura está engessado e permanece o mesmo, ela não condiz com a verdade e com a fala do prefeito. Então, eu sugiro que o secretário possa conversar com o prefeito para ouvir do prefeito o que eu e todos os vereadores que estavam lá na reunião ouviram. Então, esse orçamento de 0,34% não existe mais.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Vereador, o senhor está distorcendo a minha fala.



VEREADOR JONAS REIS (PT): Eu estou fazendo uma reivindicação para que se lute por mais orçamento para a cultura, e não justificar com uma lei que não vale mais, até porque a Prefeitura está usando um recurso que é emergencial, e nós estamos falando que a cultura também sofreu, e ela precisa de ações emergenciais. E o Sr. Secretário não respondeu sobre auxílio emergencial para a cultura. Qual é a sua posição? Qual é a ação do governo sobre isso?

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Vou falar pela terceira vez, vereador, vamos ver se o senhor agora consegue prestar a atenção no que eu falo. Política Nacional Aldir Blanc – PNAB, estou esperando há dois dias uma resposta do Márcio Tavares, do Ministério da Cultura, de uma mensagem que eu enviei a ele para saber qual era o andamento, qual era... Porque ele não me atende, e não tem resposta.

VEREADOR JONAS REIS (PT): E do orçamento municipal, secretário, a Prefeitura não vai produzir um auxílio emergencial como produziu agora, nós aprovamos, na Câmara, R\$ 1,7 mil para as pessoas, não vai produzir um para a cultura? É isso, não adianta falar em federal e estadual, nós estamos falando municipal, o senhor é secretário municipal.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Claro, exatamente, o senhor acertou, sou secretário municipal e eu tenho uma negociação que o senhor me perguntou, inclusive, também, se eu vinha negociando com o Estado e com o governo federal, e eu estou lhe respondendo. Agora, quando eu falo que governo federal está me devendo resposta e não dá para gente pensar o auxílio, o senhor está distorcendo, por quê? Porque o governo é PT, é isso? O senhor está...

VEREADOR JONAS REIS (PT): A questão central é assim: o senhor tem que responder pela sua pasta, está tergiversando. Isso é uma escolha, não tem



problema, aqui nós somos democráticos e plurais, e senhor vai ter espaço de fala o quanto quiser.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: O recurso do governo federal está em caixa, ele poderia ser utilizado agora, como forma emergencial. E foi ventada a possibilidade, diz que sim, com um PL poderia lá, no governo federal, a gente utilizar e até agora não saiu, vereador, é isso. Agora eu vou tomar, como o Ministério da Cultura não fez nada, então vamos falar isso abertamente, não honrou um compromisso, não tem palavra com a cultura, o Ministério da Cultura, eu vou, então, agora, falar com prefeito e vamos, sim, tentar arranjar um fundo aqui do Município para ajudar os artistas municipais, já que o ministério não teve a hombridade de honrar a palavra. Pode ser assim, então, vereador?

VEREADOR JONAS REIS (PT): É isso que eu agradeço, secretário, a sua disponibilidade de agir com o orçamento municipal. Porque quando esse governo municipal botou em votação na Câmara isenção de IPTU para a Fraport, uma empresa do aeroporto, que agora não quer investir na cidade, foram R\$ 70 milhões que deixaram de entrar no caixa da Prefeitura. É isso que a gente precisa, que os secretários abracem as suas pastas. Nesse sentido, eu agradeço a V. Exa.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Excelente. Será feito.

SRA. ROZANE DAL SASSO: Jonas, eu queria fazer uma fala, rapidinho, se for possível.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Pode fazer.

SRA. ROZANE DAL SASSO: Eu queria colocar o seguinte: aqui, nós não estamos falando de questões partidárias; eu acho que não é possível se colocar essa situação. Porque também já fui cobrada por isso, tipo a Funarte:



“Cadê a Funarte? Não pagou os contemplados?” Eu queria dizer que uma coisa são as questões em nível federal, acredito que o Márcio Tavares, secretário executivo, não tem condições, não teve condições ainda de responder ao secretário municipal sobre o que ele solicitou, até porque já foi esclarecido aqui. Não é possível modificar a PNAB – Política Nacional Aldir Blanc agora. Isso só seria possível através de uma medida provisória, enfim, porque é um projeto que foi aprovado na Câmara dos Deputados. E o projeto foi aprovado como um programa de fomento e não de auxílio emergencial. Então, tem esse impedimento, que também me foi explicado. Eu também entendia que, bom, havendo recursos da PNAB, por que não utilizar esses recursos? Mas a questão é o Estado, por exemplo, a Secretaria Estadual da Cultura anunciou milhões e milhões, com o Bannisul, etc., mas para CNPJ, para entidades, para empréstimos. Não é o caso dos nossos artistas aqui, que sequer podem conseguir, a maioria, um empréstimo bancário. Então, o que é necessário dizer à Mari Martinez, que é coordenadora do MinC, não está nesta reunião, mas poderia estar aqui. Esteve hoje pela manhã e fez um relatório de tudo o que o Ministério da Cultura já fez nessa questão toda da calamidade pública em vários níveis. Também teremos a visita da ministra, na próxima semana, provavelmente junto com Márcio Tavares, quando vão anunciar novas medidas para amenizar essa questão na cultura, ou seja, para proporcionar fomento e uma ajuda emergencial para a cultura. Então, acho importante que a gente participe na semana que vem, a ministra estará aqui, juntamente com o secretário executivo, certamente, e aí também o secretário Eduardo Paim também pode buscar essa conversa tête-à-tête com o Ministério da Cultura. Só para dizer que o que o Ver. Jonas está perguntando é em nível municipal, além das solicitações que a gente fez, que o conselho fez, e que estamos sendo atendidos em algumas delas; faltam outras, evidentemente, a serem encaminhadas. Temos certeza de que serão encaminhadas, mas, em nível municipal, não há orçamento para fazer isso. Nós também solicitamos que o secretário Paim vá ao centro de governo para pedir parte desses recursos que estão sendo doados via Pix, inclusive de grandes festivais de artistas que estão



acontecendo, que uma parte seja destinada aos artistas do Estado e, no caso de Porto Alegre, aos artistas de Porto Alegre. Obrigada.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado. Pergunto se mais alguém tem alguma pergunta; caso contrário, nós vamos fazer o encaminhamento da finalização.

SRA. CONSUELO VALLANDRO: Jonas, eu gostaria de pedir mais uma vez que o secretário dê uma perspectiva da abertura da Sala Álvaro Moreyra e do Teatro de Câmara Túlio Piva.

SR. FELISBERTO SEABRA LUISI: Eu tenho uma pergunta para o secretário, Jonas. Secretário, logo que o Presidente Lula esteve em Porto Alegre na semana passada, o prefeito apresentou um pedido de R\$ 12 bilhões para a reconstrução de Porto Alegre. Eu queria saber se houve alguma conversa com o senhor e se algum pedido relacionado à cultura foi encaminhado nesse contexto, porque, em nenhum momento, a gente discutiu isso com outros conselhos. É um plano que saiu de algumas pessoas do governo. Então lhe pergunto, secretário: o senhor apresentou alguma proposta para resgatar a cultura, para resgatar os espaços públicos? É nessa linha, a minha pergunta é no sentido, assim, já que o prefeito de Porto Alegre diz que o orçamento não vale mais. Como assim, não vale mais? Com quem ele discutiu? É uma lei aprovada pela Câmara, ele tem que respeitar as leis. Agora, ele tira da cabeça porque há um problema na cidade, ele tira e não assume a sua responsabilidade. Sabe, não dá para tolerar isso, Jonas. É impossível, daí ele apresenta um pedido ao Presidente da República de R\$ 12 bilhões, paga uma página inteira no jornal, hoje, estou até com a matéria aqui. E o que ele pediu para a cultura? Eu não sei. É essa pergunta, nesse sentido. Obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Letícia, para finalizar.



SRA. LETÍCIA: Minha pergunta é nesse direcionamento do Felisberto. Se tiver um projeto de reconstrução da cidade, eu quero saber se a cultura está incluída nesse projeto, ao menos para os espaços de cultura da cidade. Queria saber também se não é possível readequar, já que muitos eventos foram suspensos, esse orçamento, para que sirva de um fundo emergencial, logo à frente. E não ficar contando com a PNAB, que a gente sabe que vai ser uma coisa enrolada. Se ficarmos contando com a PNAB, o povo vai morrer de fome, porque vai demorar. A gente já sabia que ia demorar. Então, precisa de toda uma regulamentação, precisa de urgência, urgência para ontem. Aconteceu ontem, é tudo para ontem. É isso.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Tem algumas perguntas aí, secretário. Se o senhor quiser se pronunciar novamente, fica à vontade.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Pois não, vereador. Sala Álvaro Moreyra, abertura: a Sala Álvaro Moreyra não sofreu impacto, ela é uma sala mais alta, só que nós temos... O que foi afetado lá, Consuelo, foi toda a parte elétrica do Centro Municipal de Cultura, onde a Álvaro Moreyra faz parte. Então, hoje já tivemos reunião com os engenheiros da SMOI, que é a Secretaria de Obras, falando da importância, inclusive, de a gente botar em funcionamento, cuidar da elétrica, para a gente poder retomar salas lá do Atelier Livre, a Sala Álvaro Moreyra, que é um lugar onde a gente pode trabalhar, que é importante; e a Biblioteca Pública, que também é outro setor importante da cultura. Então, depende dessa parte elétrica, que foi bem afetada porque ficou debaixo d'água o painel elétrico. Eu não entendo muito dessas coisas de elétrico, mas eu sei que foi bastante afetada, mas a gente está procurando uma forma, nem que seja paliativa. Paliativa assim, ter luz, ter tomadas, deixar em funcionamento, mas daí sem ligar um ar-condicionado, alguma coisa, assim, paliativa, depois a gente vai fazendo e vai recuperando. Essa é a ideia. O Renascença, realmente, a situação dele é muito crítica, mas eu vou dizer para vocês – tu que és do circo, das artes cênicas –, eu quero recuperar o Renascença este ano. Eu quero devolver para vocês o Renascença este ano. Isso é um



compromisso bem sério, é uma missão ultradifícil, mas é o que eu quero fazer, porque eu sei da importância daquilo lá. Foi um pedido que eu fiz aos coordenadores, que ajustem os horários que ficaram em haver no Renascença, no Túlio Piva. Nós vamos achar uma forma de acertar aqueles valores para ninguém ter custo, que tu falaste nisso também e que eu acho que não é correto. Se é uma sala de 200 lugares, como tu vais cobrar, ter um custo se a arrecadação depois não der conta, da bilheteria. Então, não dá, a gente inviabiliza. Isso é uma coisa que eu já estou pensando também. O quanto antes eu quero fazer essa abertura, eu vou fazer a reabertura do Passo Municipal, a reabertura do Centro Municipal de Cultura, com o funcionamento do ateliê, da biblioteca e da Salo Álvaro Moreyra. Isso hoje o pessoal da elétrica já saiu com missão daqui.

Sobre o Presidente Lula, que esteve aqui, e o prefeito Melo entregou um documento, foi um pedido lá pelo gabinete do prefeito, aquele mesmo relatório que eu mostrei para vocês e que saiu da imprensa, que é das necessidades da Secretaria da Cultura e do prejuízo que a gente teve em relação aos equipamentos. A parte da cultura de fornecer a gente forneceu, e eu acredito que, sim, que esteja lá. Se foi feito todo um levantamento de necessidades do Município, eu acredito que também esteja lá. Eu não vi o documento, se é isso que interessa a vocês saberem, mas acredito que esteja lá. E é uma pergunta que eu vou fazer também, se foram essas necessidades aí da Secretaria da Cultura. Agora, o prefeito é sabedor de toda a situação, de todo o prejuízo que nós tivemos na cultura, e eu acredito que ele tenha sensibilidade e eu confio nele nesse sentido, para a gente resgatar o que foi perdido.

Alguma coisa que eu não respondi, pessoal?

SRA. LETÍCIA: Sobre os eventos que ocorreriam, se essa grana tem condições de ser direcionada ao...

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Olha só, não só com a cultura, mas todo o Município teve congenciamento do orçamento direcionado para calamidade, tá, Letícia? É óbvio que eu vou brigar. O que eu quero mostrar para eles? Que o



próprio auxílio é a gente executar o orçamento, auxiliar os artistas, é como eu já tinha falado antes também, é a gente manter as emendas, é manter o orçamento participativo e realizar aqueles eventos com o mínimo de recurso, ou como o Porto Alegre Em Cena, sem nenhum recurso do Município, para gente tocar isso. Não sei mais o que tu precisas saber, Letícia. Fica à vontade de falar.

SRA. LETÍCIA: Secretário, só lamento o prefeito não ter te convocado para esta reunião, para falar especificamente da cultura. É lamentável.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Deixa eu te falar uma coisa, o prefeito não tem dormido 2 horas por noite, tá? Então, eu acho que teria sido importante, sim, conversar com ele, mas eu entendo a situação dele. Hoje ele mandou um áudio, eu falei no início aqui, para a gente retomar Porto Alegre, as coisas, o serviço, porque assim, gente, quem estava na ponta sabe a situação. Eu acho que muita gente aqui estava na ponta, estava complicado, ainda está em alguns setores, bastante complicado, mas a gente tem que retomar; tem os serviços, o trabalho, e é esse o meu compromisso, pelo menos em relação ao que tange a Secretaria da Cultura, os artistas, os grupos artísticos, os trabalhadores, está bem? Essa conversa, eu quero ter entre hoje e amanhã, eu estou aguardando aqui uma agenda, porque eles também não voltaram ao Centro Administrativo, que também foi afetado, eles estão lá na Secretaria de Meio Ambiente.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Então, um pedido aqui que fizemos nesta reunião, foi para que a pasta da Cultura possa receber esses recursos emergenciais para fomentar mais a cultura nessa revisão que o governo vai fazer, e também que os recursos que estão vindo de outras fontes possam ser utilizados nesse setor. Essa é uma sugestão dos membros da comissão. Quero aqui agradecer imensamente a participação do secretário, da secretária adjunta, das demais pessoas, dos funcionários da Casa também, que estão permitindo essa reunião online. Nós temos problemas estruturais na Câmara,



por isso que não estamos fazendo presencialmente. Agradecer a todos ativistas da cultura, que estão se somando aí nos debates e também nas proposições. Entendemos que é um momento que não vai ser superado tão facilmente, mas que a disputa do orçamento público é permanente. O orçamento público está sempre sendo disputado por atores externos e internos também. A gente sabe que todos os governos têm níveis de disputa, a gente sabe que são escolhas políticas. O povo da cultura, infelizmente, vem calejado, por conta da pandemia, foi o mais esquecido, em nível de Brasil. Então a gente quer tentar fazer um pouco diferente isso em Porto Alegre. Vamos permanecer fazendo proposições, indicações, construções coletivas. Esperamos poder contar com a Secretaria Municipal da Cultura um pouco diferente do que vinha acontecendo. Agradecer aqui ao presidente, agradecer aos vereadores Hamilton, Prof. Alex, Mari Pimentel, que estiveram conosco durante mais essa reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude. Permanecemos aí – é um momento de dificuldade ainda na cidade, muitos cadastros precisam ser feitos, muitas ações em diversas áreas. É uma soma de esforços para que a gente possa recuperar a cidade, mas deixar frisado, nessa comissão, nessa reunião, que sem cultura nós não vamos retomar a cidade; então, essa comissão vai permanecer lutando muito pela cultura, destinando o orçamento, como nós temos feito, e que o calendário de eventos culturais possa ser retomado, fortalecido e ampliado. Acho que isso vai ajudar a cidade pelas dificuldades.

SR. ADROALDO BAUER CORRÊA: Vereador Jonas, um pedido de esclarecimento sobre um encaminhamento. Eu fiz uma fala e escrevi coisas referentes a essa fala no chat. Esta escrita está sendo recolhida para arquivo, porque senão eu ficaria sem é saber se houve um encaminhamento do que eu chamei de plano de emergência de atividades, que busquem captar recursos do orçamento por suplementação.



VEREADOR JONAS REIS (PT): Nas notas taquigráficas está tudo registrado, Sr. Adroaldo; pergunto ao secretário de Cultura se ele quer se pronunciar sobre esse tema.

SR. EDUARDO GARCEZ PAIM: Sim, eu estava acompanhando – eu sou meio enrolado aqui no celular –, eu estava lendo algumas coisas ali, Adroaldo, mas quem tiver o registro – acho que a Câmara fica com registro, não é? –, se puder, me envia isso depois para a gente ter aqui.

VEREADOR JONAS REIS (PT): (Problemas técnicos no som.) ...registradas e vão ser enviadas depois de transcritas.

SR. ADROALDO BAUER CORRÊA: As falas sim, Jonas, mas o que está escrito no chat tem que ser copiado para algum lugar antes de cair a rede; senão não vai ter registro por escrito.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Por favor, pessoal da área técnica da Câmara, se puderem se pronunciar sobre como ficam os registros no chat. Ou são só as falas?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, vereador, eles ficam salvos.

SR. ADROALDO BAUER CORRÊA: Perfeito, obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Então é isso, gente, esses são os encaminhamentos da nossa reunião. As sugestões foram feitas à secretaria de Cultura, que será sempre bem-vinda à nossa reunião. Desejo a todos uma boa tarde, sigamos firmes em defesa de Porto Alegre. Nada mais havendo a tratar, encerramos os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 16h10min.)